

A LEITURA E O LEITOR

THE READING AND THE READER

Léa Sílvia Braga de Castro Sá¹
Cinthia Maria Ramazzini Remaeh¹

1. Universidade do Sagrado
Coração

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

RESUMO

Sendo o texto um tecido de fios entrelaçados, o leitor, no ir ao texto e sair do texto, numa leitura centrípeta e centrífuga, acessando seu conhecimento de mundo, vai destecendo os fios entrelaçados da trama do tecido-texto. Por isso dizemos que ler é raciocinar, é entrar pelas palavras adentro, devorando-as e penetrar no mundo fantástico do texto. Neste artigo, vamos fazer algumas considerações sobre leitura e analisar a crônica **Conto sem fadas** de Josias de Souza, utilizando o percurso gerativo de sentido de Greimas, estabelecendo os níveis fundamental, narrativo e discursivo.

Palavras-chave: leitura; leitor; percurso gerativo de sentido; semiótica greimasiana.

Recebido em: 14/12/2009
Aceito em: 25/02/2010

ABSTRACT

Considering a text as a tissue of interwoven parts, the reader in his coming and going into the text, in a centripetal and centrifugal reading, accessing his own knowledge about the world, deconstructs the interwoven parts of the weft tissue-text. Consequently, we say that to read is to think, to enter the words, eating them and penetrating un the fantastic world of the text. In this article, we aim at discussing the reading process and analyzing Josias de Souza's chronic "Contos Sem Fadas", using Greimas' gerative way of sense, establishing fundamental, narrative and discursive levels.

Key Words: reading; reader; Gerative way of sense; Greimasian semiotics.

Introdução

Se buscarmos a etimologia da palavra **ler**, do latim *legere*, encontraremos vários significados:

- contar, enumerar as letras (o primeiro estágio – a alfabetização);
- colher (colher o sentido – interpretar);
- roubar (acrescentar ao texto outros sentidos).

Desde a origem do termo, percebemos que a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desencadeia em várias direções. É uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos. Longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor.

O leitor é um viajante, um caçador de sentidos. Busca a significação em tudo que o rodeia, constrói suas próprias trilhas no texto.

Ler é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido de ficção. É uma experiência de libertação (desengaja-se da realidade) e de preenchimento (suscita-se a imaginação, a partir dos signos do texto, um universo marcado por seu próprio imaginário).

Ler um texto é pôr em ação todo o conhecimento de mundo. É fazer emergir a biblioteca vivida, a memória de leituras anteriores e de dados culturais.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

A leitura é produção de sentido. Ler é produzir sentido. É uma revelação pontual de uma polissemia do texto. Não é apenas a recepção de textos, mas a ação sobre ele.

[...] O leitor, ao ler, atualiza o texto e o seu sentido, de acordo ou não com suas expectativas e previsões advindas de sua competência linguística e cultural. Mas o texto também procura e cria seu leitor: ele o inventa o mais próximo possível da linguagem, na sua substância e nas suas formas, suscitando a dúvida, a inquietude e a surpresa. Por meio da diversidade dos modos de crença que a leitura propõe, eis que se encontram, invertidas, a experiência sensível da língua e a experiência cultural do mundo (BERTRAND, 2003, p.413).

Sendo a leitura a interação dinâmica entre texto e leitor, o produtor e o leitor desempenham uma parte igual neste jogo em que o texto é o elemento mediador.

E é justamente esta interação dinâmica que motiva o jogo da leitura na busca do sentido, já que a leitura é uma estratégia do **afrontamento** e da **manipulação**. É um jogo de espelhos, um avanço especular. Reencontramo-nos ao ler.

Desta forma, ler é **constituir** e **não reconstituir um sentido**. É, também, decifrar, interpretar, visar e talvez adivinhar o sentido.

No entanto, como o leitor não pode inventar, é no **ir e vir ao texto** que ele estabelece as **relações**, pois o próprio texto traz **marcas de interpretação - marcas linguísticas** que auxiliam o leitor.

Neste jogo dialético, o leitor estabelece seu percurso, sem se distanciar do texto, procurando estar imerso no texto e sempre além do texto. Quanto maior o envolvimento, mais o texto está presente no leitor e, mais o leitor, presente no texto. Este é o momento decisivo da leitura.

Todo texto em relação à leitura tem vários pontos de entrada e vários pontos de fuga. Os pontos de entrada correspondem a múltiplas posições do sujeito e os pontos de fuga são as diferentes perspectivas de atribuição de sentidos.

Os pontos de entrada são efeitos da relação do sujeito-leitor com a historicidade do texto. Os pontos de fuga são o percurso da historicidade do leitor, em relação ao texto. Desta forma, os sentidos não caminham em linha reta. Eles saem da linha.

O sujeito-leitor que explicita as condições de produção de sua leitura compreende. **Compreender** é conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo em determinado processo de significação, é refletir **sobre a** (e não refletir a) função do efeito eu-aqui-agora. A compreensão é do nível da consistência de registro (**coerência externa**).

O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, **interpreta**, atribui sentido, levando em conta o **co-texto** linguístico (**coesão**). A interpretação consiste na busca das ideias transmitidas pelo texto e essa atividade só se torna plena quando o leitor capta a mensagem central, identificando e relacionando os símbolos numa leitura intratextual e intertextual. Interpretar um texto não é dar-lhe sentido: é, ao contrário, apreciar de que plural é feito.

Se há um **contexto** determinando um tipo de produção, também há o que determina um tipo de leitura. A **interpretação** que se faz de textos e os sentidos que lhes são atribuídos resultam de uma relação - a formação do leitor, o conhecimento acumulado, a postura diante do mundo, a história de vida -, todas elas interferem nessa **construção dos sentidos**. Por isso, releituras de textos, em momentos diferentes da vida, podem propiciar **novas interpretações**.

Todo o saber anterior - saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas - trabalha o texto oferecido à decifração. Não há jamais compreensão autônoma, sentido constituído, imposto pelo texto em leitura. A leitura é uma estratégia do afrontamento e da manipulação.

A interpretação é um tipo de leitura que supletiva um texto, no momento em que, penetrando no seu corpo, desconstrói-o e revela aquilo que está recalcado. Se o texto se apresenta como enigma, como um conjunto de tecidos buscando sentido, o desfazer da sua trama, isto é, a **interpretação**, se constituirá de movimentos de leitura sucessivos, e o deciframento do texto se efetivará por um sistema interpretativo próprio. A interpretação consiste em tecer um tecido com fios extraídos de outros tecidos-textos.

A leitura é um outro e não a face do idêntico, mas é nesse outro que se dá o significado do texto, portanto, é um procedimento distinto da escritura, mas é nele que esta se consuma. Sendo o sistema textual um todo inesgotável, refaz-se após cada leitura e deixa sempre uma margem na qual outra leitura se inscreverá.

Desta forma, um texto se dá sempre numa cena de re-presentation e ter-se-á que observar a **cena** e o **fundo da cena**, o conteúdo manifesto (estrutura de superfície) e o conteúdo latente (estrutura profunda), pois o manifesto é sempre uma **dissimulação**, mascaramento do sentido do texto, que nunca se oferece pleno e presente.

O texto, como tecido de traços, mascara outro texto, a princípio oculto: é a “tela que envolve a tela” - como diz Derrida -, mas que deixa esta última emergir quando se desfaz a dobra (ou a prega, ou a ruga), isto é, a disposição dos fios encobrendo outra disposição que,

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

à mostra, suplementa a primeira - é a ausência que tece. É o “jogo da ausência e da presença”, um movimento de remissões substitutivas.

Tecido, fio, malha, tela, trama - o uso dessas metáforas por Derrida, não só mostra o amálgama das relações e “remessas significantes” produzidas no jogo textual, como também sua dupla função: contribui para o trabalho de **dissimulação** do sentido do texto, disfarçando-se e envolvendo-o, ao mesmo tempo que permite seu desvendamento, a partir do instante no qual se começa a destecer a **tela**, que, sendo tal, esconde ao mesmo tempo que re-vela.

Como estamos percebendo, a estrutura do texto e o ato de ler são atividades complementares: o texto se oferece como uma pré-estruturação, isto é, oferece as “pistas” que o leitor precisa encontrar para buscar a significação; o percurso do leitor, sem se distanciar do texto, imerso no texto e sempre além do texto, preenche os vazios e o horizonte interno do texto se abre.

Não há texto, se não houver leitor. Não há significação, se não houver a busca do sentido. Por isso, precisamos traçar o caminho para ligar o horizonte já dado (o texto) e o horizonte futuro vazio que deve ser preenchido pela leitura para a busca da significação. Um percurso precisa ser traçado para que a estrutura profunda se deixe emergir.

Sabendo, então, que não há texto se não houver leitor, vamos fazer a leitura da Crônica de Josias de Souza, utilizando o percurso gerativo de sentido da teoria semiótica greimasiana, com o objetivo de mostrar que o texto oferece as “pistas” que o leitor precisa encontrar para buscar a significação.

O ato de ler: A leitura da crônica “Conto sem Fadas” de Josias de Souza

Somos de uma crueldade inominável. Como se não levassem consigo nada de valor pecuniário, decidimos roubar de nossos meninos de rua parte de sua gramática. Sem a menor dor de consciência, à luz do dia, furtamo-lhes dois tempos verbais: o passado e o futuro.

Condenamos a gurizada a viver num único tempo: o presente do indicativo. Encarceramos a realidade do asfalto no tubo de imagem do “Aqui, Agora”. E continuamos a levar nossa vidinha medíocre de malfeitores. Observamos a calçada à distância, do vidro do carro, da vidraça de casa. Cometemos o mais hediondo dos crimes: a indiferença.

A meninada de rua não tem tempo para lembrar do prato de comida que não foi possível digerir ontem. Também não tem oportunidade da saudade de um lar que não chegou a conhecer de verdade. Do mesmo modo não

pode ter a esperança de um amanhã que não sabe se virá.

Assaltamos a fada do conto da gurizada de marquise. Retiramos de sua história o tranquilo início do “era uma vez” e o meloso final de “viveram felizes para sempre”. Debaixo de sereno ou sob o calor do sol, o princípio começa no meio e a conclusão vem antes do ponto final.

A narrativa aleijada da gurizada sem gramática não tem príncipes nem princesas. É feita só de sapos e gatas borralheiras. Começa na dor de uma barriga vazia, na falta de um ombro de pai, na sexualidade desorientada de peitos e nádegas ainda em formação.

O conto da rua pode terminar de forma arrastada, embalado pelo descaço. Mas também pode ganhar um fim relâmpago, na ponta do cano de uma arma, ora de grupo de extermínio, ora da própria polícia.

A chacina da Candelária nos convida a pôr fim à nossa carreira de criminosos. Poderíamos começar por reconhecer nossas próprias culpas. Eles não são os únicos marginais dessa história.

Como segundo passo, deveríamos pensar em devolver à gurizada a oportunidade de conjugar o verbo no passado e no futuro. Do sucesso dessa empreitada depende a recuperação de nossa dignidade. Se continuarmos dispensando às crianças que infestam nossas ruas um tratamento inferior ao que se costuma dispensar a bezerras e cães domésticos, logo formaremos uma sociedade de animais.

Folha de São Paulo, 26/07/1993.

Fazendo a leitura desse texto, percebemos o comentário crítico e poético que Josias de Souza faz de um fato real: A Chacina da Candelária.

Os jornais impresso, falado, televisivo, exploraram esse acontecimento; alguns, de forma sensacionalista, durante meses. Um triste episódio que poderia ter ficado no esquecimento dos leitores e telespectadores.

No entanto, a crônica de Josias de Souza procura ver o outro lado – a nossa culpa, a culpa de uma sociedade que visa a interesses próprios e se descuida dos menos favorecidos. Valores se contrastam em todo o texto: realidade x sonho; malfeitores x benfeitores; sapos, gatas borralheiras x príncipes, princesas; “presente” x passado, presente, futuro. Enfim, o contraste, o antagonismo entre o poder e a submissão; entre o forte e o oprimido.

A estrutura textual se articula, constituindo um sentido coeso e coerente. Assim, de acordo com Greimas, o leitor pode estabelecer a significação, seguindo o percurso gerativo de sentido:

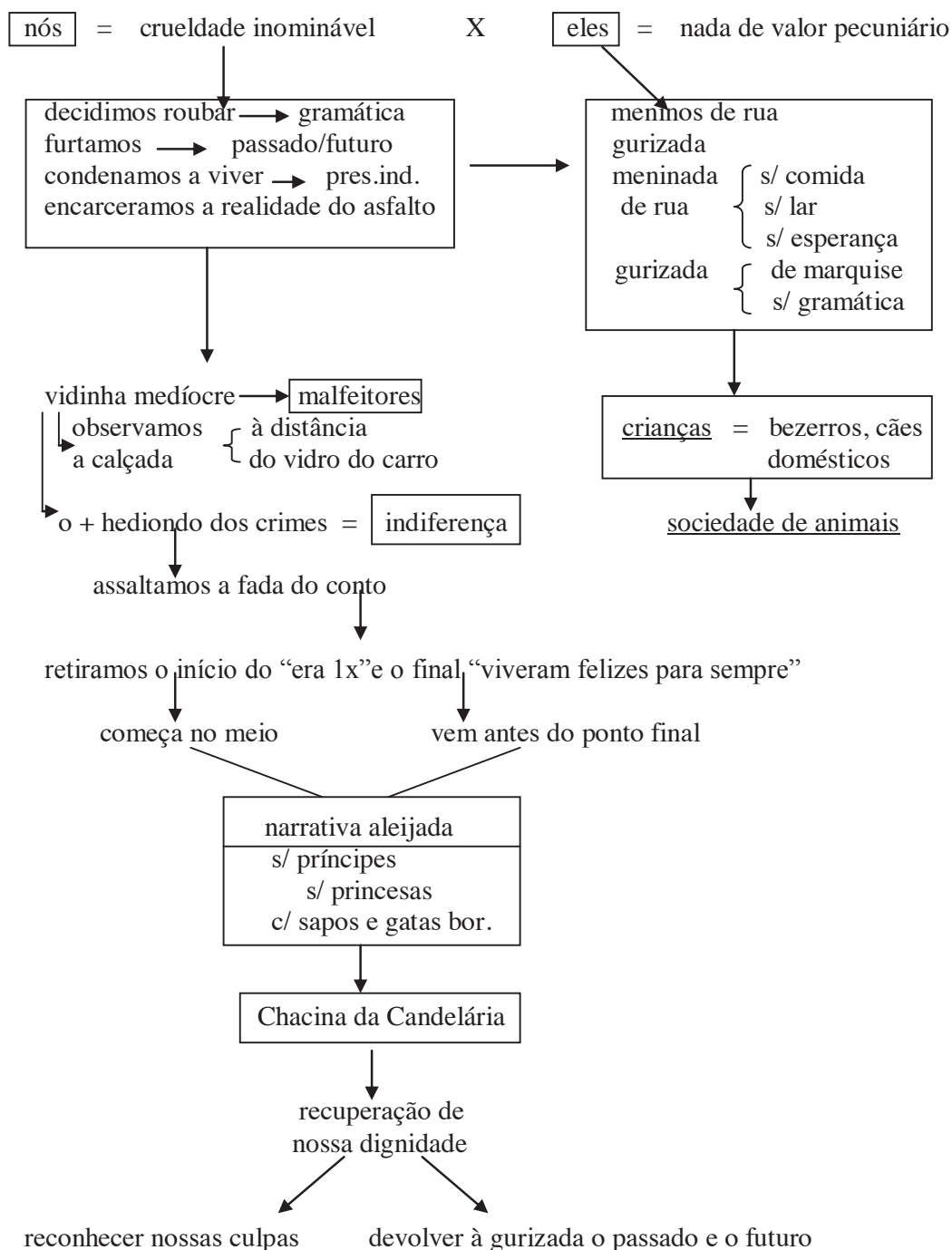
No nível fundamental – primeira etapa do percurso de geração de sentido, ponto de partida de geração do texto, onde se determina o mínimo de sentido a partir de que ele se constrói – destacamos:

a) De quem falamos? Nós x eles.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

- b) Quem somos? O que temos e fazemos?
 - c) Quem são eles? O que têm?
 - d) Qual o conto sem fadas?
 - e) O que devemos fazer para recuperar a nossa dignidade?
- Para facilitar, vamos **decodificar** o texto:



Esses valores fundamentais podem ser tomados como positivos (eufóricos) ou negativos (disfóricos). Essa oposição “tímica” vai determinar a linha argumentativa do texto. Em *Conto sem Fadas* temos, inicialmente, a valoração negativa do “nós” poderoso, que provoca o abandono, a morte, em oposição a “eles” fracos, submissos, abandonados e mortos.

No nível narrativo – segundo nível do percurso gerativo de sentido –, os valores fundamentais são narrativizados a partir da postura crítica do enunciador. Retomando elementos do Conto de Fadas (“era uma vez”, “viveram felizes para sempre”, “príncipes, princesas, sapos, gatas borralheiras”) e, também, fazendo referência a um programa de TV (“Aqui, Agora”), Josias de Souza procura encaminhar a leitura desde o título do texto, quando usa a destoante preposição (sem): Conto de Fadas x Conto sem Fadas (de > sem) – a posse passa a ser ausência. Toda criança deve viver num conto de fadas, o conto de fadas é dela. Priva-se os meninos de rua de um conto de fadas.

Manipulando a conscientização do leitor, o poético do texto faz pensar, faz rever posturas. Isto é estabelecido de forma tão perspicaz que, no final do texto, o leitor quer transformar-se, o autor vislumbra a transformação: recuperar nossa dignidade. Como? Dois itens são propostos: “pôr fim à nossa carreira de malfeitores” e “devolver à gurizada a oportunidade de conjugar o verbo no passado e no futuro”.

O autor manipula através da argumentação, indica caminhos para se adquirir competência, mostra que somos capazes de reconhecer nossas faltas, temos o PODER de... Assim, Sabemos o que acontece, temos o Poder de alterar a situação, falta apenas o Querer. Então, a PERFORMANCE (a realização da mudança) depende de cada um; por isso, pode ou não acontecer. Desta forma, a quarta fase da narrativa – a SANÇÃO (positiva ou negativa) – está bem clara no final do texto: “Se continuarmos dispensando às crianças que infestam nossas ruas um tratamento inferior ao que se costuma dispensar a bezerras e cães domésticos, logo formaremos uma sociedade de animais”.

No nível discursivo – patamar mais superficial do percurso gerativo do sentido –, as estruturas narrativas convertem-se em discurso através de “escolhas”, de pistas, contando a história a partir de um determinado “ponto de vista”. A narrativa é “enriquecida” com as opções do sujeito da enunciação (autor).

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.

No texto *Conto sem Fadas*:

– É utilizada a primeira pessoa do plural (nós), uma debreagem que constrói a noção de coletividade. O próprio enunciador não é anônimo, ele participa desta sociedade apresentada no texto, é também um dos malfeitores;

– As marcas linguísticas conduzem o leitor a perceber a orientação argumentativa e as relações entre o texto e o contexto em que foi produzido:

crueldade inominável – roubar/furtar – indiferença → vidinha medíocre de malfeitores

meninos de rua – gurizada → conto (sem fadas) = narrativa aleijada → sociedade de animais.

Há uma degradação na referência às crianças de rua e busca-se a regeneração com o sintagma gurizada.

Como podemos perceber as “marcas” espalhadas pelo texto conduzem a leitura e propõem uma postura do leitor. Isto porque o texto não é fundado sobre relações, mas sob **RELAÇÕES ORIENTADAS**, a primeira condição para a narratividade. Sendo a **TRANSFORMAÇÃO** o princípio fundamental da narratividade, o encadeamento das relações produzem a coesão textual e dão coerência ao texto.

Josias de Souza, nesta crônica *Conto sem Fadas*, faz o leitor analisar sua postura como cidadão participante de uma sociedade mais justa. Todos nós somos responsáveis para a transformação do “Conto sem Fadas” em um “Conto de Fadas”.

Considerações Finais

Nesta trama dos fios entrelaçados, Josias de Souza proporcionou meios para o leitor destecer o tecido-texto. No ir ao texto e sair do texto, numa leitura centrípeta e centrífuga, foi possível acessar o conhecimento de mundo e entrar pelas palavras adentro, devorando-as e penetrando no mundo fantástico do texto.

No entanto, sendo o texto plural, admite leituras e esta é uma das leituras do “Conto sem Fadas”.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. Tradução do Grupo CASA. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Glossário de Derrida**. Supervisão de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

JAUSS, Hans Robert et al. **A Literatura e o Leitor – Textos de Estética da Recepção**. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro; REMAEH, Cinthia Maria Ramazzini. *A leitura e o leitor*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-16, 2010.